

Carlos Caneppele ^{2/}

José Holanda Campelo Júnior

Artamízia Maria Nogueira Montezuma

Maria Cristina de Figueiredo e Albuquerque

Nicolau Priante Filho

Marlene Hilhatozi Del'uccas Mendonça

Maria Aparecida Braga

Alfácio Nunes Domingues

Elizabeth Furtado de Mendonça

Clayton Campanhola

José Carlos Bazan

Érico Ferrêira Trindade

Valnei José de Melo

^{1/} Trabalho subsidiado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) no âmbito do projeto "Implantação do Núcleo de Treinamento em Armazenagem".

^{2/} Coordenador do Núcleo de Tecnologia em Armazenagem do Centro Oeste, 78.000 - CUIABÁ-MT.

S U M Á R I O

-- INTRODUÇÃO	02
1- Zoneamento da Produção Agrícola	
1.1 - Produção de grãos em Mato Grosso	03
1.2 - Produção de Arroz	04
1.3 - Produção de Milho	04
1.4 - Produção de Feijão	05
1.5 - Produção de Soja	05
2- Distribuição de Terras:	
2.1 - Situação Estadual	06
2.2 - Distribuição Espacial	07
2.3 - Participação dos Estabelecimentos na Produção	08
3- Avaliação da capacidade estática de armazenagem com relação a aspectos quantitativos	09
4- Identificação dos principais fluxos de produção	12
5- Tabelas e figuras	15
6- Bibliografia	48

DIAGNÓSTICO DO SETOR DE ARMAZENAMENTO NO ESTADO DE MATO GROSSO

INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Mato Grosso vem ocorrendo de maneira acelerada a partir de 1970.

A existência de grandes áreas de terras agricultáveis e de preço significativamente inferior ao de outras regiões foi uma das causas do crescimento, atraindo um fluxo migratório intenso, que resultou na formação de vários núcleos primários de colonização. Em consequência, entre 1979 e 1983 foram criados mais vinte Municípios.

A infra-estrutura de apoio à produção agrícola, entretanto, não evoluiu de maneira satisfatória para atender a esse crescimento.

A ampliação da infra-estrutura exige a avaliação do seu estado atual, bem como a existência de pessoal qualificado para manter seu funcionamento a contento.

Em 1981, com apoio do CNPq a FINEP, instalou-se o Núcleo de Tecnologia em Armazenagem (NTA-CO) do Centro-Oeste, na Universidade Federal de Mato Grosso. O NTA-CO tem por objetivo desenvolver e difundir tecnologia de armazenagem, que se constitui parcela vital da infra-estrutura de apoio a produção agrícola.

Parte dos recursos alocados para implantação do NTA-CO foram destinados à execução do presente trabalho, que teve por objetivo avaliar o estado atual do setor de armazenagem em Mato Grosso. Seus resultados deverão servir de base para a atuação do NTA a partir desse momento, além de ser uma contribuição que pretende fornecer uma visão global do setor a todos os interessados.

No presente diagnóstico as informações foram reunidas a nível microrregional, constituindo-se portanto numa primeira aproximação do problema. O nível de generalização adotado poderá no futuro ser abordado de forma mais detalhada, envolvendo unidades municipais ou distritais.

O trabalho aqui apresentado foi dividido em quatro partes:

1. zoneamento da produção agrícola
2. zoneamento da distribuição de terras
3. avaliação da capacidade estática em relação a aspectos quantitativos
4. identificação dos principais fluxos de produção.

A identificação e quantificação de perdas pós-colheita, que deveria se constituir na quinta e última parte do trabalho, segundo o projeto original, deverá ser apresentada separadamente, considerando a complexidade envolvida na sua elaboração.

1 - ZONEAMENTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

1.1 - Produção de Grãos em Mato Grosso

Em 1980, a produção de grãos no Estado de Mato Grosso, representada pelas culturas do arroz, milho, feijão e soja, alcançou aproximadamente 1,5 milhões de toneladas, equivalentes a 20% da produção do Centro-Oeste e 3% da produção brasileira. Em termos de produção de arroz, que representava na ocasião 80% da produção de grãos em Mato Grosso, o Estado era responsável por 37% da produção do Centro-Oeste e 12% da produção do Brasil (Tabela 1).

A Figura 1 apresenta a evolução da produção de grãos nas diversas Microrregiões de Mato Grosso, entre os anos de 1979 a 1983. Nesse período, a produção estadual de grãos apresentou um crescimento de mais de 50%, havendo entretanto tendências diferentes nas Microrregiões, com o crescimento mais acelerado se verificando na Microrregião do alto Guaporé - Jauru, enquanto na Microrregião do Alto Paraguai não ocorreu aumento de produção. Apesar disso, a figura mostra que a distribuição espacial da produção de grãos tem sido relativamente homogênea, considerando a maior extensão territorial da Microrregião Norte Matogrossense.

A crescimento da produção estadual se deveu à soja e ao milho, permanecendo o nível de produção de feijão e verificando-se um decréscimo na produção de arroz, detectado mesmo considerando-se a característica oscilante de desempenho da cultura, que em condições de sequeiro corre sérios riscos de natureza climática (Figura 2).

A Tabela 2 apresenta a variação relativa da área plantada e da produtividade de arroz, milho, feijão e soja em Mato Grosso entre os anos de 1979 e 1983. Os valores encontrados mostram que a expansão da fronteira agrícola ou acréscimo de áreas cultivadas ao sistema produtivo tem sido o meio principal para aumentar a produção agrícola.

A Tabela 3 apresenta a distribuição da produção de grãos em cada Microrregião em 1983, verificando-se que a soja foi o principal produto nas Microrregiões de Rondonópolis e Garças, enquanto, o arroz predominou na Bacia da Cuiabana e no Norte Matogrossense. Na Micror-

região do Alto Guaporé - Jauru as produções de milho e arroz foram praticamente equivalentes, correspondendo a quantidades cerca de dez vezes maiores do que a de feijão, apesar de ser nessa Microrregião que a cultura do feijão se concentrou.

1.2 - Produção de Arroz

Entre as culturas temporárias utilizadas na expansão das áreas agrícolas, o arroz tem desempenhado papel importante pela sua função como cultura de desbravamento de terras de cerrado, que compreende grande parcela do território estadual. O cultivo do arroz ocupava em 1983 cerca de 700.000 ha, correspondendo a aproximadamente 54% da área cultivada para a produção de grãos em Mato Grosso, conforme os dados do Governo Estadual (1).

Por outro lado, após o terceiro ano de exploração a cultura do arroz vem sendo substituída por outras culturas ou principalmente por pastagens. A instabilidade da produção provocada pelos veranicos e o alto custo a partir do terceiro ano têm sido apontados como os principais fatores responsáveis por essa substituição (6).

A Figura 3 mostra a distribuição espacial da produção de arroz nas Microrregiões de Mato Grosso, permitindo verificar que a tendência de redução tem sido mais acentuada nas Microrregiões de Rondonópolis e Garças. A distribuição da produção apresentou-se relativamente homogênea, considerando-se a extensão territorial de cada Microrregião.

1.3 - Produção de Milho

Através da Figura 2 é possível observar que a produção de milho no Estado de Mato Grosso tem apresentado uma tendência crescente nos últimos anos.

Ao contrário da produção global de grãos e do arroz, a produção de milho não foi homogênea. A Figura 4 mostra que a produção de milho nos anos mais recentes tem se concentrado na Microrregião do Alto Guaporé - Jauru. O crescimento da produção tem se verificado nas Microrregiões Norte Matogrossense e do Alto Guaporé - Jauru. Nas demais regiões do Estado, a tendência da produção de milho tem sido de estabilidade.

1.4 - Produção do Feijão

A produção do feijão em Mato Grosso tem se mantido estável entre 1979 e 1983. Essa tendência não reflete contudo a evolução do cultivo de feijão cuja área plantada praticamente dobrou nesse período (Tabela 2). O decréscimo de produtividade tem sido causado principalmente pela ocorrência de irregularidade nas chuvas e pelo efeito de doenças, como o crestamento bacteriano comum (6).

A Figura 5 apresenta a distribuição espacial da produção de feijão em Mato Grosso, permitindo observar que a cultura se concentrou na Microrregião do Alto Guaporé - Jauru. Através da Figura 5 verifica-se também que a evolução da produção não apresentou tendência definida em qualquer das Microrregiões ao longo do período 1979 - 1983.

1.5 - Produção de Soja

A introdução da cultura da soja em Mato Grosso é recente e veio após o lançamento do Programa Especial POLOCENTRO que, com suas linhas de crédito subsidiado, permitiu a implantação da atual infraestrutura agrícola existente no Estado.

Produtores oriundos de tradicionais regiões produtoras de grãos migraram para este Estado, atraídos pelo baixo custo das áreas de cerrado e facilidades de crédito. De acordo com PARO (10) o início da cultura da soja em escala comercial no Mato Grosso, deu-se no Distrito de Taquari, município de Alto Araguaia, pouco antes da divisão do Estado. O sistema de produção usado tem sido o cultivo do arroz por um ou mais anos na área, para posteriormente se introduzir esta leguminosa.

Em franca expansão no Estado, a soja teve, de 1979 a 1983, um acréscimo da ordem de 283.000 ha. de área plantada correspondendo a uma variação relativa de 1.480%, aproximadamente (Tabela 2). No mesmo período, a produção apresentou uma variação absoluta em torno de 586.000 toneladas tendo o rendimento médio aumentado em 46% (Tabela 2), indicando que tecnologias visando o aumento de produtividade foram aplicadas para este tipo de cultura, embora a produção tenha crescido mais com a expansão da área plantada.

A Figura 6 mostra a distribuição espacial da produção de soja nas Microrregiões de Mato Grosso. Verifica-se que em 1983 a Microrregião de Rondonópolis apresentou a maior produção do Estado, seguindo-se as Microrregiões de Garças, Norte Matogrossense e Baixada Cuiabana. Nestas Microrregiões observa-se uma tendência crescente na produção de soja, sendo mais acentuada nas Microrregiões de Rondonópolis e Garças,

onde a produção de soja apresentou-se mais concentrada. Nas Microregiões de Alto Guaporé - Jauru e Alto Paraguai a produção, além de pequena, não apresentou tendência a crescimento no período considerado.

2 - DISTRIBUIÇÃO DE TERRAS

2.1 - Situação Estadual

Mato Grosso é o terceiro Estado da Federação em extensão, tendo uma área com 88.100.100 ha. (881.001 Km²). Desta, 13,6% compreende o Pantanal, 38,6% os cerrados e 47,8% as matas (Tabela 4), incluindo-se como mata desde a floresta sempre-verde até a mata caducifólea.

Na agricultura tradicional a área a ser explorada com a lavoura situava-se preferencialmente em áreas de mata, onde o desmatamento e a queimada proporcionavam a correção da acidez do solo, permitindo seu cultivo. A necessidade de ampliação da área de cultivo, levou à exploração do cerrado, onde a introdução de culturas foi possível com a aplicação de calcário na correção do solo.

O Estado é caracterizado como uma região de fronteira agrícola, onde o acréscimo de áreas cultivadas ao sistema produtivo, tem sido a fórmula usada para aumentar a produção agrícola. Apesar desta característica, segundo FIBGE (8) em 1980, apenas 1,7% de sua área (1.500.000 ha. aproximadamente) e 4,2% da área total de estabelecimentos, eram ocupados com lavouras temporárias (Tabela 5). Entretanto, de acordo com a Comissão Fundiária do Estado (3) em 1980, a área cultivada dos cerrados em Mato Grosso não ultrapassava 1% do total dos cerrados matogrossense (340.000 ha., aproximadamente). Considerada a pouca exploração do Pantanal, devido ao regime das águas, verifica-se portanto que a maior parte do Estado já explorada com lavouras temporárias corresponde basicamente à regiões de matas. Desta forma, o Estado apresenta grande potencialidade de expansão da lavoura tanto pela incorporação de áreas de mata, como de cerrado.

Observa-se, na Tabela 6, que apenas 56% dos produtores de tinham posse da terra em 1980. Em consequência, parcela considerável dos produtores não dispunha de infra-estrutura própria, por não se dispor a fazer investimento em área de terceiros. A situação se agrava quando se analisa a condição do produtor que explora estabelecimentos com menos de 100 ha. Neste caso, os proprietários correspondiam a 55,5%, na maioria ocupantes (Tabela 7). Nas áreas de posseiros, além de tensão social decorrente da disputa pela terra, dificultando um trabalho progressista e estável, o que mais prejudica é a impossibilidade de acesso

ao crédito rural, tanto de posseiros como de proprietários, devido a conturbada situação de posse e uso da terra (3).

Já em 1983, segundo a EMATER (6), existiam 60.771 produtores rurais sendo 69% proprietários, 13% posseiros, 10% arrendatários e 8% parceiros indicando um aumento da percentagem dos proprietários em relação à de 1980.

Pela Tabela 6, pode-se notar que, embora os estabelecimentos que podem ser classificados como pequenos (grupos de áreas totais com menos de 100 ha.) representassem cerca de 72% do número total de estabelecimentos, eles correspondiam a apenas 2,5% da área total recenseada no Estado, ficando 97% do restante da área e 28% dos estabelecimentos, com estabelecimentos de mais de 100 ha, indicando portanto haver uma má distribuição de terras no Estado. Na mesma tabela, verifica-se que 93,6% dos estabelecimentos com lavouras, possuíam lavouras menores que 50 ha., indicando não ser esta a atividade prioritária em estabelecimentos com área total maior que 100 ha., já que abrangiam 97% da área total ocupada.

Por outro lado, confrontando-se dados das Tabelas 5 e 6 constata-se que somente 3,6% da área dos estabelecimentos dos proprietários eram exploradas com lavouras, ao passo que a mesma percentagem para os estabelecimentos dos não proprietários correspondia a 11,6%. Inference-se assim, que a lavoura apresentava-se como uma atividade de maior importância para os estabelecimentos de não proprietários do que para os proprietários, no tocante a utilização da área disponível.

Os dados apresentados são compatíveis com a maioria dos estudos sobre a questão agrária brasileira que, segundo QUEIROZ (11), indicam que a parte efetivamente explorada dos estabelecimentos rurais decresce rapidamente quando se passa de um grupo de área total menor para um de área total maior. Segundo o mesmo autor, o Imposto Territorial Rural (ITR), tem causado várias distorções, motivando investimentos exagerados em terra, em detrimento de outras aplicações. Como os preços de terra são relativamente baixos, sem custos para se "guardar" e nem riscos de se perder e como seus acréscimos são maiores que a inflação em decorrência dos subsídios do governo para a agricultura, existem estoques de terras aproveitáveis não utilizadas.

2.2 - Distribuição Espacial

A Microrregião Norte Matogrossense é aquela em que globalmente se verificou a melhor distribuição de terras (Tabela 8), com 48,6% dos estabelecimentos tendo área inferior a 50 ha. e 39,5% deles

com área maior que 100 ha. Entretanto, em virtude da extensão territorial dessa Microrregião, a distribuição a nível de Município pode apresentar resultados diferentes não espelhados pelos dados da Tabela.

A Microrregião do Alto Guaporé - Jauru foi caracterizada como uma região de pequeno produtor (Figura 7), sendo que mais da metade deles não detinham a propriedade de terra, constituindo-se principalmente de ocupantes, como ocorreu também na Microrregião do Alto Paraguai (Tabela 9 e 10).

Na Baixada Cuiabana, apesar de mais de 50% dos estabelecimentos serem explorados pelos proprietários, verificou-se a mais elevada percentagem de posseiros de Mato Grosso, em cerca de 35% dos estabelecimentos (Tabela 11).

Nas Microrregiões de Rondonópolis e Garças mais de 50% dos produtores detinham a propriedade da terra (Tabela 12 e 13). Na primeira, observou-se uma distribuição semelhante àquela observada no Norte Matogrossense, sendo que a Microrregião de Garças caracterizou-se como uma região de grandes produtores (Figura 7).

2.3 - Participação dos Estabelecimentos na Produção

A Tabela 14 apresenta as quantidades produzidas de arroz, milho, feijão e soja, em função dos grupos de área total para o Estado de Mato Grosso, em 1980.

Os dados da Tabela 14 indicam que os estabelecimentos com mais de 100 ha. foram responsáveis por cerca de 80% da produção de grãos em Mato Grosso. Entretanto, ao se considerar cada produto individualmente, observa-se que esse padrão de comportamento é válido somente para o arroz e a soja, que representam a maior parte da produção de grãos. Para o milho e o feijão, a tabela mostra que os estabelecimentos com menos de 100 ha. foram os maiores responsáveis pela produção, especialmente no caso do feijão onde 75% da produção veio de pequenos estabelecimentos.

A Tabela 15 mostra o número de estabelecimentos onde se produziu arroz, milho, feijão e soja, de acordo com os grupos de área total dos estabelecimentos.

A análise da Tabela 15 permite verificar que 79,3% dos estabelecimentos produtores de grãos em Mato Grosso eram estabelecimentos com menos de 100 ha. de área total. Entretanto, no caso de produção de soja observa-se o contrário, com menos de 5% dos estabelecimentos que exploravam a cultura constituindo-se de menos de 100 ha. A tabela permite inferir que as culturas de arroz, milho e feijão encontram-se larga-

mente disseminadas entre os pequenos produtores, enquanto que a soja vem sendo explorada predominantemente pelos grandes estabelecimentos.

A cultura do arroz merece ser destacada pelo fato de que, embora a maior parte da produção seja oriunda de grandes estabelecimentos tem sido uma cultura onde 73,6% dos estabelecimentos produtores têm menos de 100 ha. Representa a cultura que os pequenos estabelecimentos mais produziram e vem sendo a cultura explorada pela maioria dos pequenos produtores.

3 - AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM COM RELAÇÃO A ASPECTOS QUANTITATIVOS

Em 1983, a capacidade estática total de armazenagem no Estado de Mato Grosso situava-se em 1.271.470 toneladas. Deste total, a CASEMAT participava com 22,2%, a CIBRAZEM com 16,6%, a CODEAGRI com 0,7% e os 60,5% restantes correspondiam a armazéns particulares, compreendendo as cooperativas, os cerealistas, os maquinistas e os produtores rurais (5).

O crescimento da capacidade estática disponível em Mato Grosso vem se dando de forma acelerada, verificando-se que entre 1982 e 1983, ocorreu um acréscimo de cerca de 37%, tanto na rede oficial como na particular. Somente a CASEMAT passou de 72 mil toneladas para 282 mil toneladas, no espaço de um lustro (4 e 5).

Em 1980, DEMBERCK (5) efetuou um estudo em que avaliou a eficiência técnica dos armazéns da CASEMAT no período 1968 - 1978. Entre os resultados obtidos verificou-se que o índice de rotação foi de 0,9, não se observando tendência de acréscimo ou decréscimo durante o período.

Apesar do estudo mencionado se referir a somente uma parcela da capacidade estática total de Mato Grosso, o autor(es) do presente trabalho considera que o índice de rotação pode ser extrapolado para a capacidade estática total instalada no Estado. O principal motivo responsável pela adoção desse procedimento foi a constatação de que a safra estadual de grãos tem se concentrado nos meses de fevereiro, março e abril, havendo, praticamente coincidência nas colheitas de arroz e soja. As culturas do milho e do feijão têm apresentado colheita mais tardia, entretanto o pico de safra de ambas vem ocorrendo já em junho e as quantidades colhidas mais recentemente não alterariam significativamente o índice de rotação (Figura 8). Com a concentração de safra, a entrada de produto nos armazéns também se concentra, tornando impraticável a utilização do espaço de armazenagem mais vezes ao longo do ano.

As perspectivas atuais não permitem visualizar alteração substanciais no quadro de concentração de safra no tempo, uma vez que a produção estadual de grãos, antes constituída predominantemente do arroz, vem mostrando um crescimento acentuado da soja e o calendário de colheita das duas culturas é praticamente coincidente.

Assim sendo, o índice de rotação da rede armazenadora de Mato Grosso foi considerado igual a 1,0, com o déficit de armazenagem sendo computado pela simples diferença entre a produção de grãos e a capacidade estática.

A Tabela 16 apresenta os dados de produção e capacidade estática em todo o Estado de Mato Grosso, permitindo verificar que o déficit estadual se situava em 466.396 toneladas, em 1983.

Na Figura 9 observa-se a distribuição do déficit de armazenagem a nível Microrregional, em termos absolutos. Em todas as Microrregiões vem ocorrendo déficit de armazenagem. O maior déficit verificou-se na Microrregião de Garças, seguida de perto pelo Alto Guaporé-Jauru e Norte Matogrossense. A Microrregião do Alto Paraguai foi aquela em que capacidade estática mais se aproximou da produção, enquanto a Baixada Cuiabana e a Microrregião de Rondonópolis apresentaram déficit intermediários.

Em termos relativos (Tabela 17), a situação mais grave tem sido a da Microrregião do Alto Guaporé - Jauru, onde praticamente 75% da produção não encontrou espaço nos armazéns. Na Microrregião de Garças, cerca de 65% da produção não vem dispondo de armazéns.

A Tabela 18 que 83,4% da capacidade estática do Estado de Mato Grosso em 1983 era constituída de armazéns convencionais, com uso de sacaria. Apenas 16,6% da capacidade estática poderia receber a granel. Esta situação apresenta contornos preocupantes se se considerar o crescimento da produção estadual de soja e o decréscimo da produção de arroz.

A existência de tecnologia que permita avaliação contínua e o controle da mercadoria armazenada a granel, transforma o sistema a granel no mais adequado para grãos produzidos ou agrupados em grandes lotes, que não tenha necessidade de manter a identidade. É o que acontece com a soja para fins industriais e/ou para grãos destinados à conservação por longos períodos, como é o caso da manutenção de estoques regulares da oferta de alimentos. Na armazenagem a curto prazo, o armazém convencional é suficiente, já que o risco envolvido é menor e permite manter a identidade dos lotes.

Para as regiões produtoras de soja, torna-se mais apropriada a movimentação e armazenagem a granel, enquanto no caso do arroz o armazém convencional satisfaz as necessidades.

Além da capacidade estática a granel ser reduzida, cumpre salientar que ela era constituída principalmente de graneleiros (Tabela 19). Os graneleiros são recomendados como solução temporária, não apresentando a mesma eficiência dos silos. A disseminação do seu uso se deve principalmente ao menor investimento que representam, em relação aos silos.

A nível Microrregional verifica-se que no Alto Guaporé - Jauru toda a capacidade estática instalada era convencional. Nesse caso, o fato de ser uma região caracteristicamente de pequenos produtores torna adequada a modalidade de estocagem existente. Portanto, para a ampliação da rede armazenadora local com o fim de reduzir o elevado déficit lá observado, torna-se recomendável a utilização de armazéns convencionais.

A Microrregião de Rondonópolis apresentou 34,4% de sua capacidade estática total na forma de armazéns a granel, o que se justifica pelo avanço da cultura de soja na região. Entretanto, na Microrregião de Garças, onde a produção apresentou contornos semelhantes, apenas 11,9% da capacidade estática consistia de armazéns a granel. O elevado déficit da região de Garças deve ser suprido principalmente com armazéns a granel.

Na Baixada Cuiabana, onde se encontra o maior centro consumidor estadual e onde se verifica concentração de posseiros e arrendatários, a predominância da armazenagem convencional deve ser mantida.

Na Microrregião Norte Matogrossense 89,9% da capacidade estática consistia de armazenagem convencional. Nesse caso a grande extensão territorial esconde uma diversidade de situações que o tipo de análise ora efetuado não permite detectar. Principalmente porque se trata da região de desbravamento mais recente, não permitindo a visualização das tendências nítidas da produção. Assim sendo, as decisões a serem tomadas para a ampliação da capacidade estática necessária para suprir o déficit microrregional, devem pressupor a reanálise dos elementos aqui abordados, em um nível mais detalhado, como o Municipal. Provavelmente, o restudo da situação deve apresentar soluções onde as duas modalidades de estocagem devam ser contempladas no aumento da capacidade estática.

A rede armazenadora de Mato Grosso tem se constituído de unidades do setor público, a nível estadual e federal, e de unidades do setor privado, principalmente empresas comerciais e industriais em áreas urbanas. A capacidade estática de particulares era de 769.217 toneladas, em 1983, correspondendo a 60,5% do total (Tabela 20).

De acordo com a CASEMAT, em 1982, a rede armazenadora do setor público era de 371.600 toneladas, representando 40% do total, fi-

cando o restante com o setor privado. Conseqüentemente, apesar do crescimento global, a participação de cada setor vem se mantendo.

A distribuição espacial da capacidade estática segundo o agente armazenador pode ser encontrada na Tabela 20. A maior predominância de armazéns particulares foi encontrada na Baixada Cuiabana (74,3%). No Norte Matogrossense a participação da iniciativa privada também foi mais expressiva do que a do setor público (164,1%). A Microrregião do Alto Guaporé - Jauru, ao contrário, contava principalmente com armazéns da rede oficial (90,4%), o que se justifica pelo fato de ser região caracteristicamente de pequenos produtores. Nas outras Microrregiões do setor público e do setor privado tem sido praticamente iguais.

O uso dado aos armazéns é altamente influenciador dos processos de comercialização. Os armazéns são classificados como de uso público quando prestam serviços de armazenagem a terceiros, devendo atender à demanda composta por agricultores, em sua maioria, e por pequenos comerciantes. Os armazéns de uso privado caracterizam-se por atender essencialmente às atividades comerciais de grande escala e à industrialização (9). Em Mato Grosso, 58% da capacidade estática era de uso público e 42% de uso privado (Tabela 21).

A comparação dos dados das Tabelas 20 e 21 mostra que a capacidade estática particular no Estado de Mato Grosso vem parcialmente sendo utilizada na prestação de serviços de armazenagem a terceiros.

Na Baixada Cuiabana e no Alto Paraguai, os armazéns particulares têm destinado praticamente a metade do seu espaço físico ao uso público. Na Baixada Cuiabana, a iniciativa privada foi responsável por mais de 50% da oferta de capacidade estática para prestação de serviços. No Norte Matogrossense, os armazéns particulares têm contribuído com mais de 150 mil toneladas para o uso público, o que representará cerca de 1/4 da oferta de armazéns na região. Entretanto, as Microrregiões do Alto Guaporé - Jauru, Rondonópolis e Garças têm fugido ao padrão global, com a prestação de serviços sendo executada essencialmente pelos armazéns da rede oficial.

4 - IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS FLUXOS DE PRODUÇÃO

Durante o ano de 1983, foram observados os principais fluxos de remoção dos produtos: arroz e milho, do Estado de Mato Grosso (Dados da CFP - Tabela 22). Verificou-se que para os municípios de Sinop, Rondonópolis e Cuiabá convergiram a produção da Região, provavelmente por serem grandes centros de consumo do Estado ou pela maior facilidade de escoamento para outras regiões. Nas Microrregiões do Alto Gua

porê - Jauru, Alto Paraguai e Garças não foi observada a existência de centros de convergência da mesma ordem dos três já citados.

- Arroz:

O total de arroz embarcado para Sinop foi 23.148 t, sendo que Colíder e Terra Nova participaram com as maiores frações. Para o município de Rondonópolis foram embarcados 18.504 t, oriundas principalmente de Paranatinga e Distrito de Trivelato. Para o município de Cuiabá foram transportados um total de 77.368 t. de arroz, com maiores contribuições de Alta Floresta, Sinop e Sorriso.

A tabela 22 mostra ainda que a maior parte do arroz removido do Estado foi para Uberlândia (MG), para São José do Rio Preto - SP e para Goiânia - GO.

- Milho:

O total de milho embarcado para Sinop foi de 37.742 t., participando também Terra Nova com a maior fração. O escoamento de milho para Rondonópolis foi de 35.397 t, ficando Sinop com a maior parcela de contribuição. E para o município de Cuiabá foram transportadas 18.844 t, de milho sendo os maiores fornecedores Terra Nova, Nova Canaã, Alta Floresta, Sinop e Colíder.

A maior parte do milho removido do Mato Grosso de destinou a Vilhena - RO.

- Feijão:

A produção de feijão é utilizada internamente no Estado, se caracterizando como cultura de subsistência.

- Soja:

A produção de grãos de soja é comercializada diretamente ou por intermediários na própria fazenda, principalmente para indústrias da região Sul e Sudeste. Os principais fluxos são para São Paulo e Paraná, Via Campo Grande - BR - 163. Destacam-se como compradores COIMBRA S.A., ZILO S.A., BRASWEY, CARGIL, SADIA, COTRISA e COPACEL. Estas indústrias mantêm postos de compra, principalmente em Jaciara, Rondonópolis, Diamantino, Mutum, Sorriso, Pedro Gomes, São Vicente e Cuiabá.

As principais Rodovias para escoamento da produção são as BR-163, BR-364, BR-070 e BR-174. As estradas estaduais, municipais e

vicinais, ainda não totalmente pavimentadas, no período das chuyas ficam em grande parte intransitáveis, principalmente as vicinais, dificultando o escoamento da produção.

O transporte fluvial é uma opção em potencial para o escoamento da produção e atendimento no mercado de insumos, no entanto, atualmente ele está sub-aproveitado.

TABELA 1 - Área Colhida, Produção e Rendimento Médio de Arroz, Feijão, Milho e Soja no Estado de Mato Grosso no Centro Oeste e no Brasil com Porcentagem de Produção Estadual Relativo à do Centro Oeste e do Brasil, 1980.

PRODUTOS AGRÍCOLAS	MATO GROSSO			CENTRO OESTE			BRASIL			PORCENTAGEM DA PRODUÇÃO DE MATO GROSSO EM RELAÇÃO AO	
	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (ha)	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (ha)	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (ha)	C. OESTE (%)	BRASIL (%)
Arroz	896.513	1.175.041	1.310	2.597.863	3.147.283	1.211	6.243.138	9.775.720	1.565	37,34	12,02
Feijão	86.641	34.910	402	308.588	95.541	309	4.968.165	1.968.165	423	36,53	1,77
Milho	83.609	142.572	1.705	997.351	2.085.121	2.090	11.451.297	20.372.072	1.779	6,84	0,70
Soja	70.431	117.173	1.663	1.130.178	1.908.758	1.689	8.774.023	15.155.804	1.727	6,14	0,77
TOTAL	1.137.194	1.469.687	-	5.033.980	7.236.703	-	31.111.867	47.271.761	-	-	-
% Média	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20,30	3,10

FONTE: Anuário Estatístico do Brasil (7).

TABELA 2 - Variação Relativa (%) da Área Plantada e Produtividade de Arroz, Milho, Feijão e Soja, em Mato Grosso, entre 1979 e 1983.

VARIÁVEL	ARROZ	MILHO	FEIJÃO	SOJA
Área plantada	- 5,2	+ 190,3	+ 91,1	+ 1477,8
Produtividade	-15,1	+ 0,9	- 61,3	+ 46,4

Fonte dos dados básicos: CEPA (2)

TABELA 3 - Produção por Microrregião, de Arroz em Casca, Milho, Feijão e Soja - Estado de Mato Grosso, 1983.

MICRORREGIÃO	ARROZ EM CASCA		MILHO		FEIJÃO		SOJA		TOTAL DA MICRORREGIÃO
	(t on)	(%) <u>1/</u>	(t on)	(%) <u>1/</u>	(t on)	(%) <u>1/</u>	(t on)	(%) <u>1/</u>	
332. Norte Matogrossense	439.075	60,8	167.998	23,3	6.636	1,0	108.016	15,0	721.725
333. Alto Guaporé - Jauru	94.440	47,6	93.758	47,2	10.219	5,2	-	-	198.417
334. Alto Paraguai	42.973	69,4	12.976	21,0	2.519	4,1	3.421	5,5	61.889
335. Baixada Cuiabana	78.951	57,3	13.337	9,7	1.529	1,1	43.976	31,9	137.793
336. Rondonópolis	58.913	15,7	20.723	5,5	883	0,2	295.881	78,6	376.400
337. Garças	69.827	28,9	10.446	4,3	404	0,2	160.965	66,6	241.642
TOTAL DO ESTADO	784.179	-	319.238	-	22.190	-	612.259	-	1.737.866

FONTE: CEPA (2)

1/ Em relação ao total microrregional

TABELA 4 - Distribuição de Área Matogrossense conforme os tipos predominantes de cobertura vegetal.

COBERTURA VEGETAL PREDOMINANTE	ÁREA EM MILHÃO DE Ha.	% EM RELAÇÃO AO ESTADO
Pantanal	12,0	13,64
Cerrados	34,0	38,64
Matas	42,0	47,72
T O T A L	88,0	100,00

FONTE: Comissão Fundiária de Mato Grosso (3)

TABELA 5 - Estabelecimentos, área total e área de lavoura temporárias, segundo a condição do produtor - Mato Grosso, 1980

CONDIÇÃO AO PRODUTOR	ÁREA DE ESTABELECIMENTO COM LAVOURAS (Ha)	% EM RELAÇÃO AO ESTADO	% EM RELAÇÃO À ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS	% EM RELAÇÃO À ÁREA DE LAVOURAS
Proprietário	1.161.366	1,3	3,4	79,9
Arrendatário	130.088	0,2	0,4	8,9
Parceiro	69.050	0,1	0,2	4,8
Ocupante	84.007	0,1	0,2	5,8
Sem declaração	8.905	0,0	0,0	0,6
T O T A L	1.453.416	1,7	4,2	-

FONTE: FIBGE (8)

TABELA 6 - Distribuição de estabelecimentos segundo a condição do produtor, os grupos de área total e dos grupos de área de lavoura - Mato Grosso, 1980.

CONDIÇÃO DO PRODUTOR ÁREA OCUPADA E ÁREA DE LAVOURAS	ESTABELECIMENTOS		ÁREA	
	Números	(%) ^{2/}	Ha.	(%) ^{2/}
Condição do Produtor ^{1/}				
Proprietário	35.737	56,38	32.122.989	92,96
Arrendatário	9.820	15,49	427.228	1,24
Parceiro	3.887	6,13	174.072	0,50
Ocupante	13.939	22,00	1.830.251	5,30
Área Ocupada ^{1/}				
Menos de 50	56.000	70,26	482.241	1,44
50 - 100	5.912	7,42	417.434	1,25
Mais de 100	17.783	22,32	32.509.711	97,31
Área de Lavoura ^{1/}				
Menos de 50	52.995	93,63	-	-
50 - 100	1.010	1,79	-	-
Mais de 100	2.590	4,58	-	-

FONTE: FIBGE (8)

^{1/} Dados declarados

^{2/} Percentagem em relação ao total dos declarados.

TABELA 7 - Número de estabelecimentos explorados por proprietários, arrendatários e ocupantes, por grupo de área total, em Mato Grosso, 1980.

CONDIÇÃO DO PRODUTOR	GRUPO DE ÁREA TOTAL			
	MENOR QUE 100 ha.		MAIOR QUE 100 ha.	
	Nº de Estabelecimentos	(%) ^{1/}	Nº de Estabelecimentos	(%) ^{1/}
Proprietário	20.265	44,5	15.460	86,9
Arrendatário	9.474	20,8	346	1,9
Parceiro	3.811	8,4	76	0,5
Ocupante	11.985	26,3	1.901	10,7
T O T A L	45.535	-	17.783	-

FONTE: FIBGE (8)

^{1/} Percentagem em relação ao total de estabelecimentos do grupo de área total considerado.

TABELA 8 - Distribuição de estabelecimentos segundo a condição do produtor, os grupos de área total e os grupos de área de lavouras. Microrregião Norte Matogrossense, 1980.

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, ÁREA OCUPADA E ÁREA DE LAVOURAS	ESTABELECIMENTOS		ÁREA	
	Número	(%) ^{2/}	Ha.	(%) ^{2/}
Condição do Produtor ^{1/}				
Proprietário	12.595	64,55	17.022.656	92,06
Arrendatário	1.742	8,93	197.114	1,07
Parceiro	1.452	7,44	51.579	0,28
Ocupante	3.723	19,08	1.220.151	6,59
Área Ocupada ^{2/} (Ha.)				
Menos de 50	9.463	48,60	131.879	0,76
50 a menos de 100	2.307	11,84	169.640	0,98
Mais de 100	7.705	39,56	17.074.851	98,26
Área de Lavouras ^{2/} (Ha.)				
Menos de 50	15.442	90,21	-	-
50 a menos de 100	420	2,45	-	-
Mais de 100	1.255	7,34	-	-

FONTE: FIBGE (8)

^{1/} Dados declarados

^{2/} Percentagem em relação ao total declarado.

TABELA 9 - Distribuição de estabelecimentos segundo a condição de produtores, os grupos de área total e os grupos de área de lavoura. Microrregião de ALTO GUAPORÉ - JAURU, 1980.

CONDIÇÕES DO PRODUTOR, ÁREA OCUPADA E ÁREA DE LAVOURAS	ESTABELECIMENTOS		ÁREA	
	Número	(%) ^{2/}	Ha	(%) ^{2/}
Condição do Produtor ^{1/}				
Proprietários	7.724	47,38	4.393.351	89,92
Arrendatários	3.242	19,89	63.666	1,30
Parceiros	982	6,02	61.074	1,25
Ocupantes	4.354	26,71	367.725	7,53
Área Ocupada ^{1/} (Ha)				
Menos de 50	12.402	76,20	162.210	3,32
50 menos 100	1.392	8,55	97.563	1,99
Mais de 100	2.483	15,25	4.628.039	94,69
Área de Lavouras ^{1/} (Ha)				
Menos de 50	15.047	98,20	-	-
50 menos 100	146	0,95	-	-
Mais de 100	130	0,85	-	-

FONTE: FIBGE (8)

^{1/} Dados declarados

^{2/} Percentagem em relação ao total declarados.

TABELA 10 - Distribuição de estabelecimentos, segundo a condição do produtor, os grupos de área total e os grupos de área de lavouras. Microrregião de ALTO PARAGUAI, 1980.

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, ÁREA OCUPADA E ÁREA DE LAVOURAS	ESTABELECIMENTOS		ÁREA	
	Número	(%) ^{2/}	Ha	(%) ^{2/}
Condição do Produtor ^{1/}				
Proprietários	2.666	45,19	1.726.697	95,23
Arrendatários	946	16,03	19.855	1,09
Parceiros	963	16,32	6.680	0,37
Ocupantes	1.325	22,46	60.031	3,31
Área Ocupada ^{1/}				
Menos de 50	4.206	71,29	48.846	2,63
50 menos 100	596	10,10	40.230	2,15
Mais de 100	1.098	18,61	1.774.182	95,22
Áreas de Lavouras ^{1/}				
Menos de 50	4.850	95,44	-	-
50 menos 100	100	1,97	-	-
Mais de 100	132	2,59	-	-

FCNTE: FIBGE (8)

^{1/} Dados declarados

^{2/} Percentagem em relação ao total dos declarados.

TABELA 11 - Distribuição de estabelecimentos segundo a condição do produtor, os grupos de área total e os grupos de área de lavoura. Microrregião Baixada Cuiabana, 1980.

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, ÁREA OCUPADA E ÁREA DE LAVOURA	ESTABELECIMENTOS		ÁREA	
	Número	(%) ^{2/}	Ha	(%) ^{2/}
Condição do Produtor ^{1/}				
Proprietários	6.175	58,23	4.681.330	97,14
Arrendatários	624	5,88	62.579	1,30
Parceiros	107	1,01	2.387	0,05
Ocupantes	3.699	34,88	73.015	1,51
Área Ocupada ^{1/}				
Menos de 50	7.326	69,10	68.358	1,43
50 menos 100	763	7,20	50.797	1,06
Mais de 100	2.513	23,70	4.670.149	97,51
Área de Lavoura ^{1/}				
Menos de 50	9.425	95,57	-	-
50 menos 100	108	1,09	-	-
Mais de 100	329	3,34	-	-

FONTE: FIBGE (8)

^{1/} Dados declarados

^{2/} Percentagem em relação ao total dos declarados.

TABELA 12 - Distribuição de estabelecimentos segundo a condição de produtor, os grupos de área total e os grupos de área de lavouras. Microrregião de RONDONÓPOLIS, 1980.

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, ÁREA OCUPADA E ÁREA DE LAVOURAS	ESTABELECEMENTOS		ÁREA	
	Número	(%) ^{2/}	Ha	(%) ^{2/}
Condição do Produtor ^{1/}				
Proprietários	3.330	52,37	1.749.239	95,86
Arrendatários	2.067	32,50	44.138	2,42
Parceiros	346	5,44	8.234	0,45
Ocupantes	616	9,69	23.228	1,27
Área Ocupada ^{1/}				
Menos de 50	4.337	68,20	47.467	2,60
50 menos 100	469	7,38	33.339	1,83
Mais de 100	1.553	24,42	1.744.027	95,57
Área de Lavouras ^{2/} (Ha)				
Menos de 100	5.039	90,91	-	-
50 menos 100	123	2,22	-	-
Mais de 100	381	6,87	-	-

FONTE: FIBGE. (8)

^{1/} Dados declarados

^{2/} Percentagem em relação ao total dos declarados.

TABELA 13 - Distribuição de estabelecimentos segundo a condição do produtor, os grupos de área total e os grupos de área de lavouras. Microrregião GARÇAS.

CONDIÇÃO DO PRODUTOR, ÁREA OCUPADA E ÁREA DE LAVOURAS	ESTABELECIMENTOS		ÁREA	
	Número	(%) <u>2/</u>	Ha	(%) <u>2/</u>
Condição do Produtor <u>1/</u>				
Proprietários	3.247	69,01	2.549.716	93,82
Arrendatários	1.199	25,48	37.876	1,39
Parceiros	37	0,79	44.118	1,62
Ocupantes	222	4,72	86.101	3,17
Área Ocupada <u>1/</u> (Ha)				
Menos de 50	1.889	40,15	23.481	0,86
50 menos 100	385	8,18	25.865	0,95
Mais de 100	2.431	51,67	2.668.463	98,18
Área de Lavouras <u>1/</u> (Ha)				
Menos de 50	3.193	87,03	-	-
50 menos de 100	113	3,08	-	-
Mais de 100	363	9,89	-	-

FONTE: FIBGE (8)

1/ Dados declarados

2/ Percentagem em relação ao total dos declarados.

TABELA 14 - Produção de Arroz, Milho, Feijão e Soja por grupo de área total em Mato Grosso, em 1980.

GRUPO DE ÁREA TOTAL	P R O D U T O									
	ARROZ PRODUÇÃO	(%) <u>1/</u>	MILHO PRODUÇÃO (t)	(%) <u>1/</u>	FEIJÃO PRODUÇÃO (t)	(%) <u>1/</u>	SOJA PRODUÇÃO (t)	(%) <u>1/</u>	GRÃOS PRODUÇÃO (t)	(%) <u>1/</u>
Menor que 100 ha	153.549	15,7	65.745	54,3	22.614	75,0	194	0,0	242.102	19,5
Maior que 100 ha	847.422	84,7	55.304	45,7	7.525	25,0	88.658	100,0	998.909	80,5 ¹
T O T A L	1.000.971	-	121.049	-	30.139	-	88.852	-	1.241.011	-

FONTES: FIBGE (8)

1/ Percentagem em relação a produção total de cada produto.

TABELA 15 - Número de estabelecimentos produtores de arroz, milho, feijão e soja por grupo de área total, em Mato Grosso, em 1980.

GRUPO DE ÁREA TOTAL (ha)	P O D U T O									
	ARROZ		MILHO		FEIJÃO		SOJA		GRÃOS	
	Nº DE ESTA- BELECIMENTOS	(%) <u>1/</u>								
Menor que 100	12.498	73,6	1.889	83,0	7.158	91,4	5	4,6	21.550	79,3
Maior que 100	4.468	26,4	389	17,0	670	8,6	104	95,4	5.631	20,7
T O T A L	16.966	-	2.278	-	7.828	-	109	-	27.181	-

FONTES: FIBGE (7)

1/ Percentagem em relação ao número total de estabelecimentos produtores de cada produto.

Tabela 16: Produção Microrregional e Municipal de grãos, capacidade estática de estocagem de armazéns oficiais e particulares e déficit de estruturas armazenadoras no Estado de Mato Grosso - 1983.

MICROREGIÕES E MUNICÍPIOS	PRODUÇÃO (toneladas)	CAPACIDADE ESTÁTICA (em toneladas)				TOTAL
		CASEMAT	CIBRAZEM	COOAGRI	PARTICULAR	
332. NORTE MATOGROSSENSE						
1. Água Boa	43.106	-	11.800	-	30.000	31.800
2. Alta Floresta	10.950	16.000	-	-	1.624	17.624
3. Aripuana	7.620	-	-	-	-	-
4. Barra do Garças	40.882	18.00	9.300	-	75.469	102.769
5. Canarana	32.653	-	-	-	49.425	49.425
6. Chapada dos Guimarães	27.854	-	3.000	-	10.200	13.200
7. Colíder	81.754	19.000	1.800	-	8.823	29.623
8. Diamantino	118.986	50.400	1.800	-	88.303	140.503
9. Juara	15.795	-	-	-	-	-
10. Juína	27.083	3.000	-	-	-	3.000
11. Luciara	34.749	-	1.800	-	-	1.800
12. Nobres	121.491	1.400	59.600	-	66.199	107.207
13. Nova Brasilândia	28.218	-	2.100	-	13.380	15.480
14. Nova Xavantina	42.872	16.200	1.800	-	19.705	37.705
15. Peranatinga	10.964	-	5.700	-	11.100	16.800
16. Porto dos Gaúchos	7.148	6.000	-	-	-	6.000
17. São José do Rio Claro	8.863	-	-	-	-	-
18. Santa Terezinha	18.020	-	1.800	-	-	1.800
19. São Félix do Araguaia	20.801	-	-	-	-	-
20. Sinop	22.916	-	9.100	-	-	9.100
SUB-TOTAL	721.725	130.003	79.600	-	374.228	583.831
333. ALTO GUAPORÉ JAURU						
1. Apatungá	34.628	3.000	-	-	-	3.000
2. Cáceres	37.597	19.000	6.100	-	4.800	25.900
3. Jauru	14.090	3.000	-	-	-	3.000
4. Mirassol D'Oeste	10.967	3.000	-	-	-	3.000
5. Pontas e Lacerda	30.140	6.000	-	-	-	6.000
6. Rio Branco	19.134	3.000	-	-	-	3.000
7. Salto do Céu	19.933	-	-	-	-	-
8. Quatro Marcos	16.324	6.000	-	-	-	6.000
9. Vila Bela S.Trindade	13.604	-	-	-	-	-
SUB-TOTAL	198.407	39.000	6.100	-	4.800	49.900
334. ALTO PARAGUAY						
1. Alto Paraquai	2.622	-	-	-	-	-
2. Arapósis	5.753	4.000	-	-	4.823	8.623
3. Barra do Bugres	4.601	6.000	-	6.300	1.380	13.380
4. Denilse	2.524	-	-	-	-	-
5. Nortelândia	3.026	-	-	-	1.800	1.800
6. Tangará da Serra	43.353	12.000	-	-	18.590	30.590
SUB-TOTAL	61.889	22.000	-	6.300	26.093	54.393
335. BAIXADA CUIABANA						
1. Acarizal	2.564	-	-	-	-	-
2. Barão de Melgaço	2.776	-	-	-	-	-
3. Cuiabá	52.852	30.750	14.400	116.703	116.703	161.853
4. M. Sra. Livramento	11.995	-	-	-	1.200	1.200
5. Poconé	20.780	3.000	-	-	-	2.000
6. Rosário Oeste	33.499	-	-	-	7.976	7.976
7. Santo Antônio Leverger	17.368	-	-	-	5.244	5.244
8. Várzea Grande	959	-	-	-	7.800	7.800
SUB-TOTAL	137.793	33.750	14.400	-	138.923	187.073
336. RONDONÓPOLIS						
1. Dom Aquino	33.200	7.000	-	-	15.447	22.447
2. Itiquira	138.780	6.000	-	-	24.624	30.624
3. Jaciara	29.098	-	14.600	3.000	31.027	48.627
4. Juscimeira	14.943	-	-	-	2.700	2.700
5. Pedra Preta	39.348	-	5.400	-	300	5.700
6. Rondonópolis	121.433	21.000	77.500	-	103.990	202.490
SUB-TOTAL	376.400	34.000	97.500	3.000	178.088	312.588
337. GARÇAS						
1. Alto Araguaia	76.038	-	13.600	-	10.449	24.049
2. Alto Garças	42.022	-	-	-	6.734	6.734
3. Araquelha	855	-	-	-	-	-
4. General Carneiro	13.608	-	-	-	1.417	1.417
5. Guiratinga	28.006	3.000	-	-	7.125	10.125
6. Ponta Branca	7.551	3.000	-	-	-	1.000
7. Poxoreu	57.844	14.000	-	-	19.560	31.560
8. Tesouro	5.767	-	-	-	-	-
9. Torixorobá	9.951	3.000	-	-	1.800	4.800
SUB-TOTAL	241.642	23.000	13.600	-	47.085	83.685
TOTAL	1.737.856	281.753	221.200	9.300	769.217	1.271.140

FONTE: Cadastro de Unidades Armazenadoras - CIBRAZEM - 02.04.84.

Posição Cadastral das Unidades Armazenadoras em Operação/MT/CIBRAZEM/31.12.83.

Relação das Unidades Armazenadoras/CASEMAT/MARÇO-1984

TABELA 17 - Déficit de Armazenagem no Estado de Mato Grosso, em 1983

MICRORREGIÃO	(t)	DÉFICIT (%) ^{1/}
Norte Matogrossense	137.894	19,11
Alto Guaporé - Jauru	148.517	74,85
Alto Paraguai	7.493	12,11
Baixada Cuiabana	49.280	35,76
Rondonópolis	63.812	16,95
Garças	157.957	65,57

^{1/} Em relação à produção microrregional de grãos

FONTE: FIBGE (8) e CIBRAZEM (4).

TABELA 18 - Distribuição da Capacidade estática segundo a modalidade de estocagem - Mato Grosso, 1983.

MICRORREGIÃO	SACARIA		GRANEL	
	t	%	t	%
Norte Matogrossense	524.996	89,9	58.835	10,1
Alto Guaporé - Jauru	49.900	100,0	-	-
Alto Paraguai	50.393	92,6	4.000	7,4
Baixada Cuiabana	156.923	83,9	30.150	16,1
Rondonópolis	204.976	65,6	107.612	34,4
Garças	73.685	88,1	10.000	11,9
T O T A L	1.060.873	83,4	210.597	16,6

FORTE: Cadastro de Unidades Armazenadoras/CIBRAZEM/02.04.84

Posição Cadastral das Unidades Armazenadoras em Operação/MT/
CIBRAZEM/ 31.12.83

Relação das Unidades Armazenadoras/CASEMAT/Março - 1984
CEPA/GCEA/1983

TABELA 19 - Distribuição da capacidade estática segundo a espécie - Mato Grosso, 1983.

MICRORREGIÃO	ARMAZÉM		DEPÓSITO		SILO		BATERIA		GRANELEIRO		TOTAL	INFLÁVEL	
	t	%	t	%	t	%	t	%	t	%	t	t	%
Norte Matogrossense	454.848	77,9	45.048	7,7	10.493	1,8	-	-	64.342	11,0	583.831	3.100	1,6
Alto Guaporé-Jauru	46.900	94,0	-	-	-	-	-	-	-	-	49.900	3.000	6,0
Alto Paraguai	46.316	85,1	4.077	7,5	-	-	-	-	4.000	7,4	54.393	-	-
Baixada Cuiabana	142.403	76,1	12.120	6,5	-	-	-	-	32.550	17,4	187.073	-	-
Rondonópolis	183.667	58,80	11.709	3,7	25.250	8,00	17.562	5,68	70.800	22,7	312.588	3.600	1,2
Garças	71.831	85,8	1.854	2,2	10.000	12,00	-	-	-	-	83.685	-	-
T O T A L	945.965	79,61	74.808	4,6	45.743	3,6	17.562	0,93	171.692	9,75	1.271.470	15.700	1,46

FONTE: Cadastro de Unidades Armazenadores/CIBRAZEM/ 02.04.84. Posição Cadastral das Unidades Armazenadoras em Operação/MT/CIBRAZEM/ 31.12.83.

Relação das Unidades Armazenadoras/CASEMAT/Março-1984 - CEPA/GCEA/1983.

TABELA 20 - Distribuição da capacidade estática segundo o agente armazenador -
Mato Grosso, 1983.

MICRORREGIÃO	OFICIAL		PARTICULAR	
	t.	%	t.	%
Norte Matogrossense	209.603	35,9	374.228	64,1
Alto Guaporê-Jauru	45.100	90,4	4.800	9,6
Alto Paraguai	28.300	52,0	26.093	48,0
Baixada Cuiabana	48.150	25,7	138.923	74,3
Rondonópolis	134.500	43,0	178.088	57,0
Garças	36.600	43,7	47.085	56,3
T O T A L	502.253	39,5	769.217	60,5

FONTE: Cadastro de Unidades Armazenadoras/CIBRAZEM/02.04.84. Posição Cadastral
 das Unidades Armazenadoras em Operação/MT/CTBRAZEM/31.12.83.
 Relação das Unidades Armazenadoras/CASEMAT/Março-1984/CEPA/GCEA/1983.

TABELA 21 - Distribuição da Capacidade Estática segundo a modalidade de uso - Mato Grosso, 1983.

MICRORREGIÃO	USO PÚBLICO		USO PRIVADO	
	t.	%	t.	%
Norte Matogrossense	368.544	63,1	215.287	36,9
Alto Guaporé-Jauru	45.100	90,4	4.800	9,6
Alto Paraguai	41.100	75,6	13.293	24,4
Baixada Cuiabana	109.350	58,4	77.723	41,6
Rondonópolis	137.756	44,1	174.832	55,9
Garças	36.600	43,7	47.085	56,3
T O T A L	738.450	58,1	533.020	41,9

FONTE: Cadastro de Unidades Armazenadoras/CIBRAZEM/02.04.84. Posição Cadastral das Unidades Armazenadoras em Operação/MT/CIBRAZEM/31.12.83.
 Relação das Unidades Armazenadoras/CASAMAT/Março-1984
 CEPA/GCEA/1983.

TABELA 22 - Demonstrativo de Remoção (Resumo por Destino) em 1.000 Kg, Durante o ano de 1983.

I - INTERMUNICIPAL

REMOVIDO PARA	ARROZ	MILHO	TOTAL
Sinop	23.148	37.742	60.890
Barra do Bugres	5.863	26	5.889
Porto dos Gaúchos	652	1.040	1.692
Rondonópolis	18.504	35.397	53.901
Alta Floresta	2.137	488	2.625
Jaciara	2.690	-	2.690
Cáceres	2.512	2.226	4.738
Barra do Garças	6.934	856	7.790
Diamantino	4.520	-	4.520
Chapada dos Guimarães	2.340	-	2.340
Canarana	3.507	-	3.507
Nova Xavantina	5.991	-	5.991
Indianópolis	848	-	848
Alto Araguaia	1.989	-	1.989
Cuiabá	77.368	18.844	96.212
TOTAL MOVIMENTADO NO ESTADO	159.003	96.619	255.622

II - INTERESTADUAL

REMOVIDO PARA	ARROZ	MILHO	TOTAL
Uberlândia	23.299	2.092	25.391
Ituiutaba	4.688	-	4.688
Embarcado para Minas Gerais	27.987	2.092	30.079
São José do Rio Preto	14.846	1.622	16.468
Bauru	228	-	228
George Oetterer	6.392	-	6.392
Embarcado para São Paulo	21.466	1.622	23.088
Goiânia	26.150	3.324	29.474
Anápolis	8.000	-	8.000
Itumbiara	7.924	-	7.924
Rio Verde	1.800	-	1.800
Embarcado para Goiás	43.874	3.324	47.198
Embarcado para Rondônia (Vilhena)	3.597	9.295	12.892
Embarcado para Mato Grosso do Sul (Ladário)	2.737	-	2.737
Embarcado para Paraná (Apucarana)	6.752	2.229	8.981
Total Removido do Estado de Mato Grosso	106.413	18.562	124.975
I - INTERMUNICIPAL	159.003	96.619	255.622
II - INTERESTADUAL	<u>106.413</u>	<u>18.562</u>	<u>124.975</u>
TOTAL GERAL MOVIMENTADO	265.416	115.181	380.597

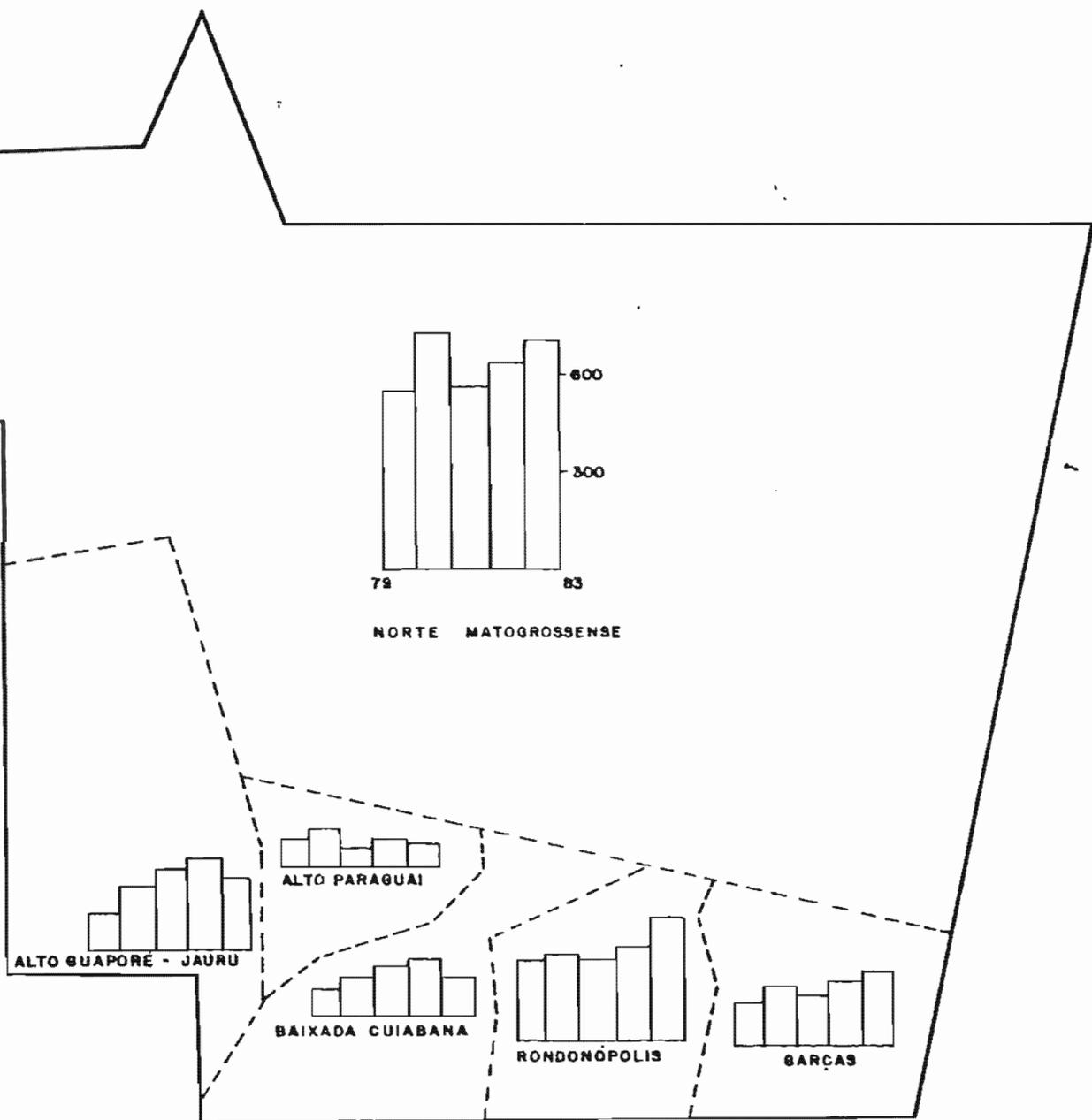


Figure 1. Produção de grãos (arroz, milho, feijão e Soja em 1000 t) em Mato Grosso, entre 1979 e 1983, por Microregião.

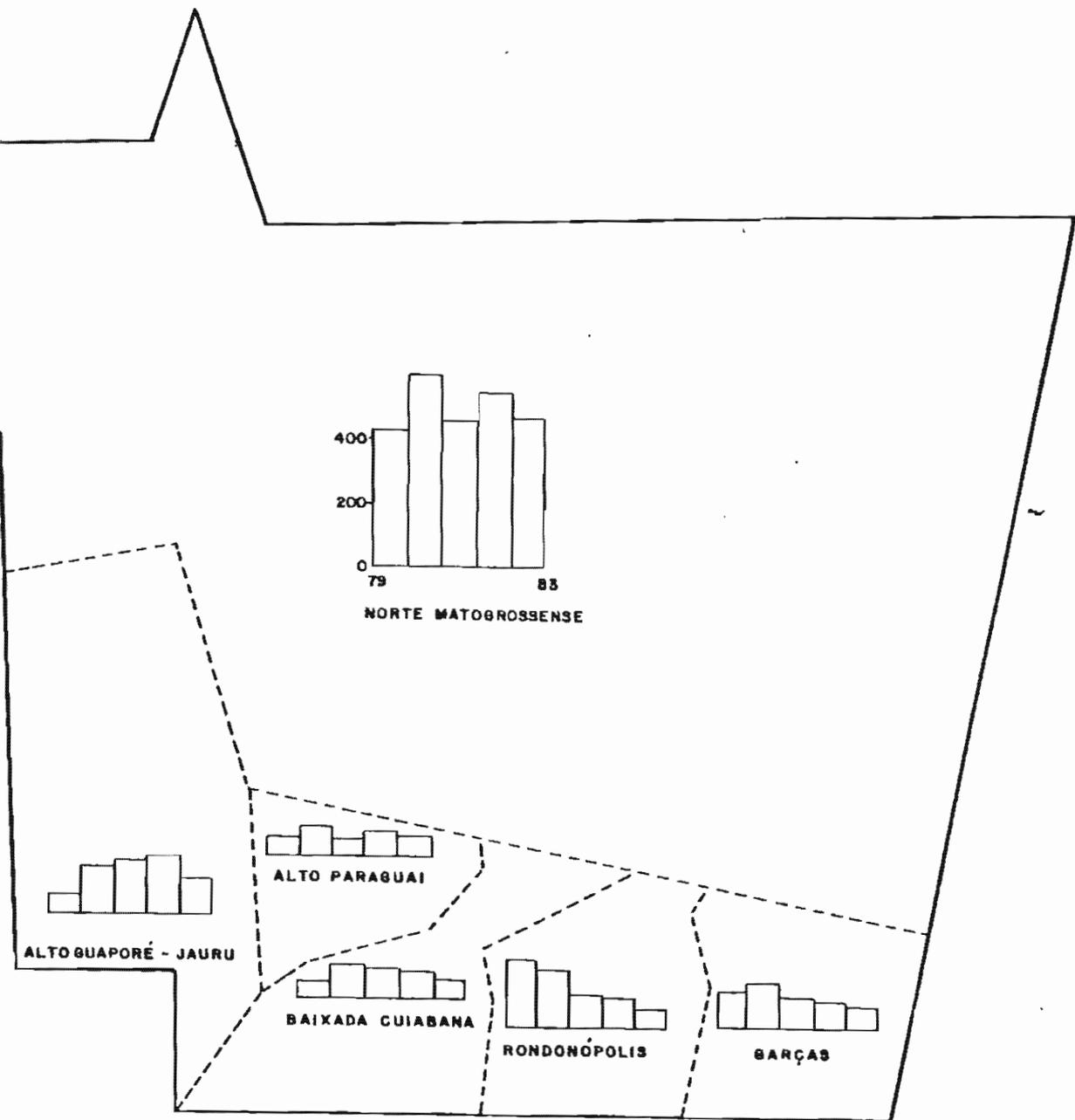


Figure 3. Produção de arroz (em 1000 t) em Mato Grosso entre 1979 e 1983, por Microrregião.

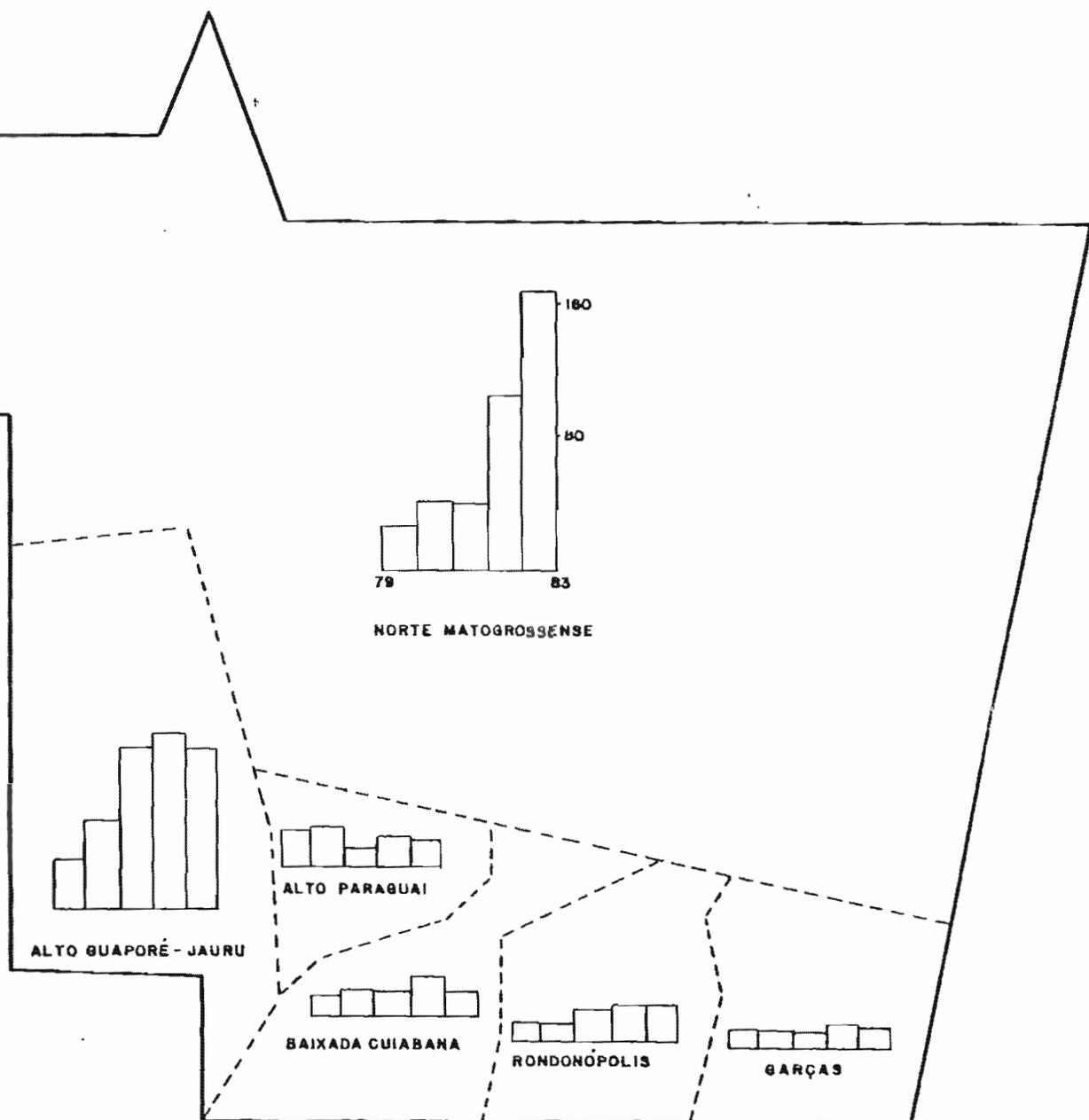


Figura 4. Produção de milho (em 1000 t) em Mato Grosso entre 1979 e 1983, por Microregião.

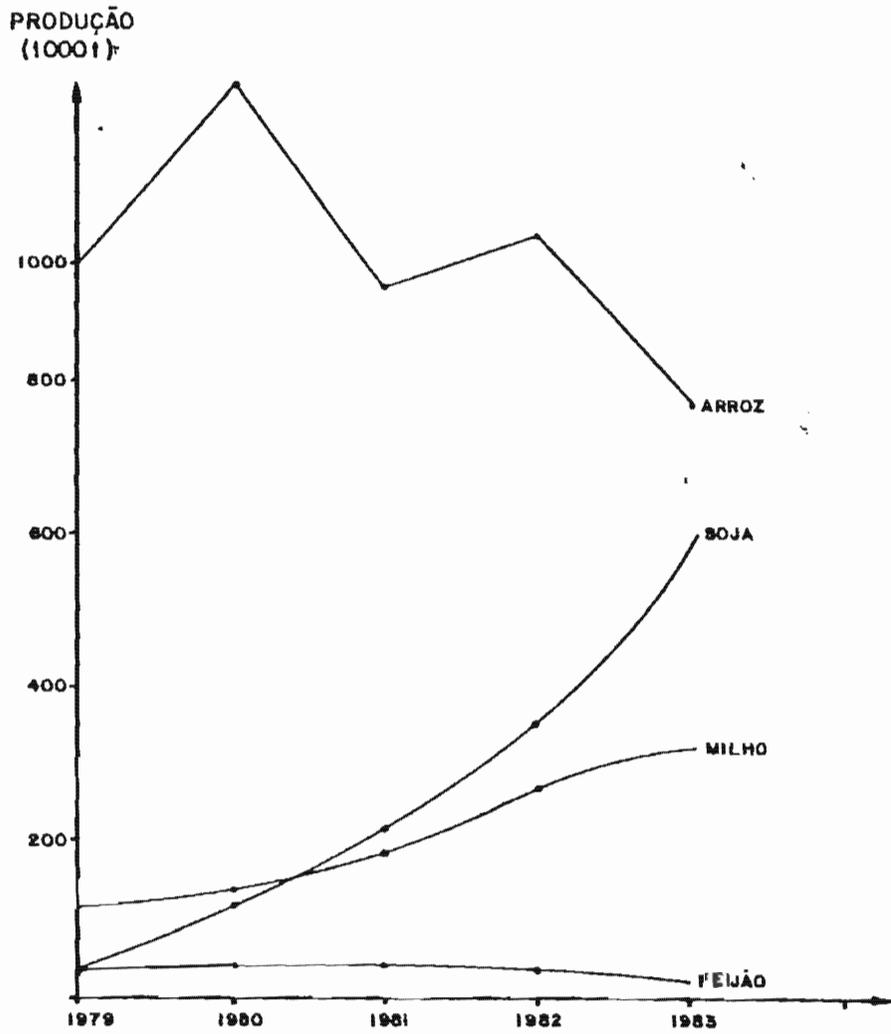


Figura 2. Evolução da Produção de Arroz, Milho, Feijão e Soja no Estado de Mato Grosso.

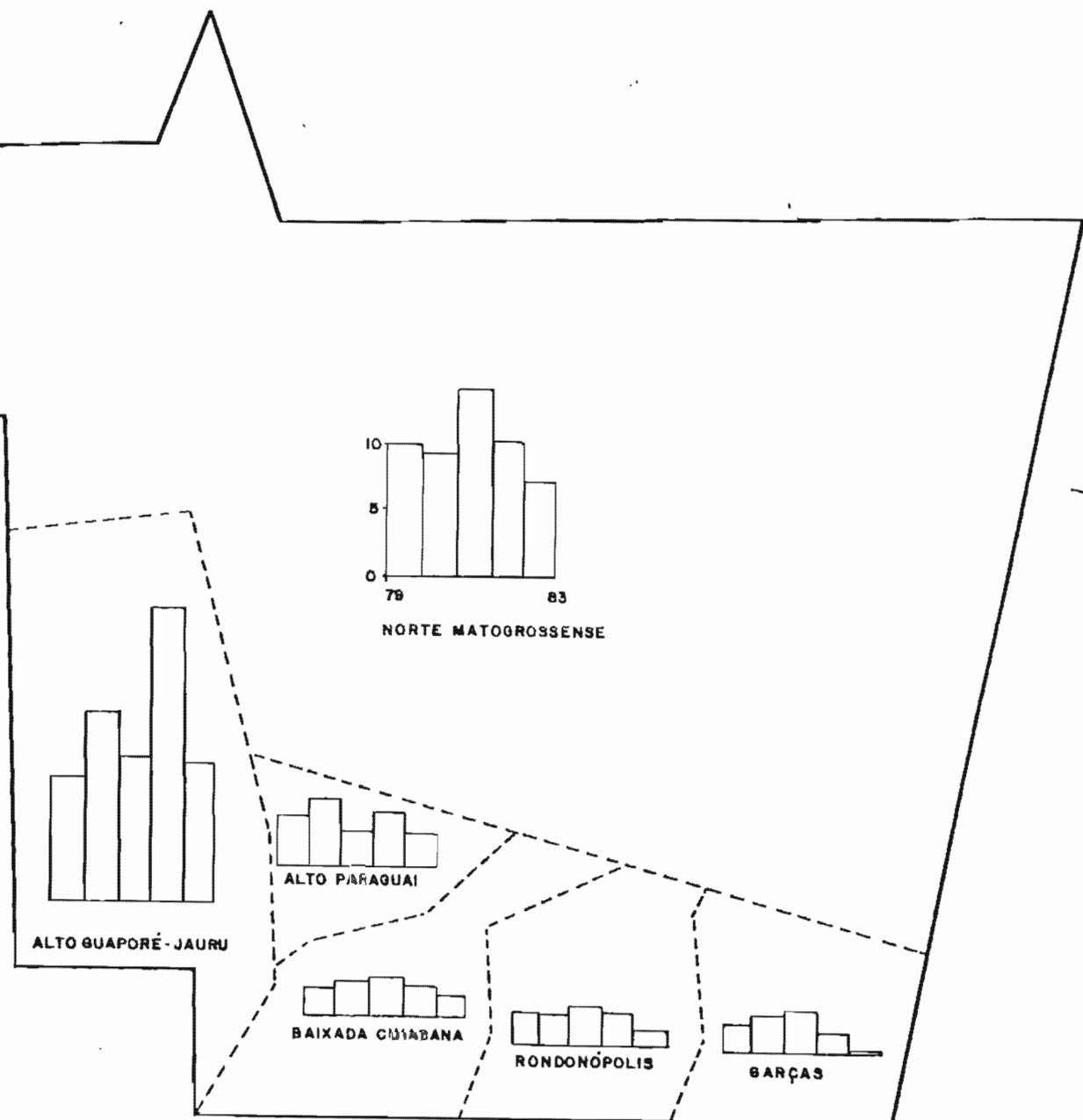


Figura 5: Produção de feijão (em 1000 t) em Mato Grosso entre 1979 e 1983, por Microrregião.

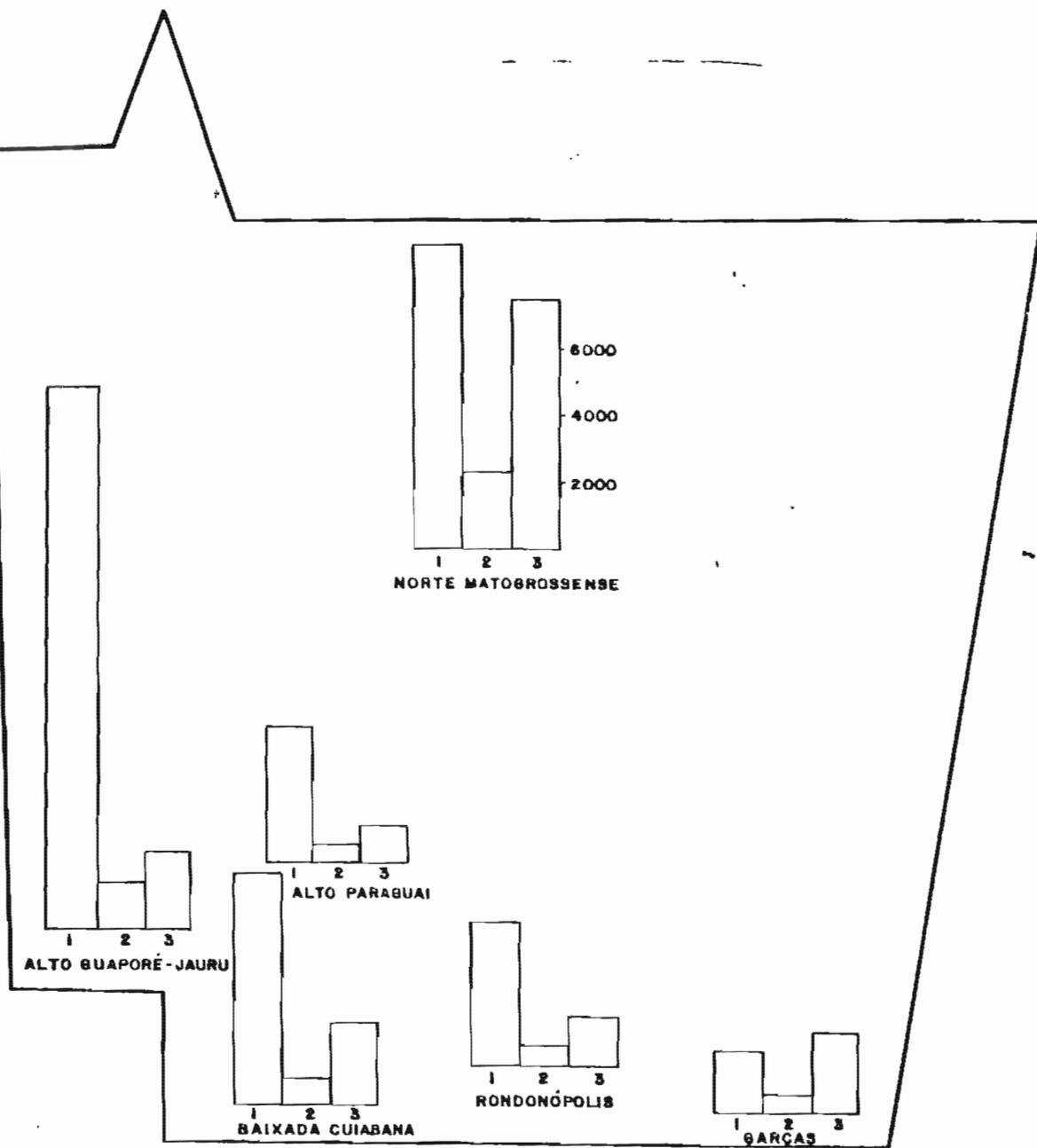


Figura 7. Distribuição do Número de Estabelecimentos por Grupo de área total nas Microrregiões de Mato Grosso em 1980. Os algarismos 1, 2 e 3 significam grupos de área total menor que 50 ha, entre 50 e 100 ha e maior que 100 ha, respectivamente.

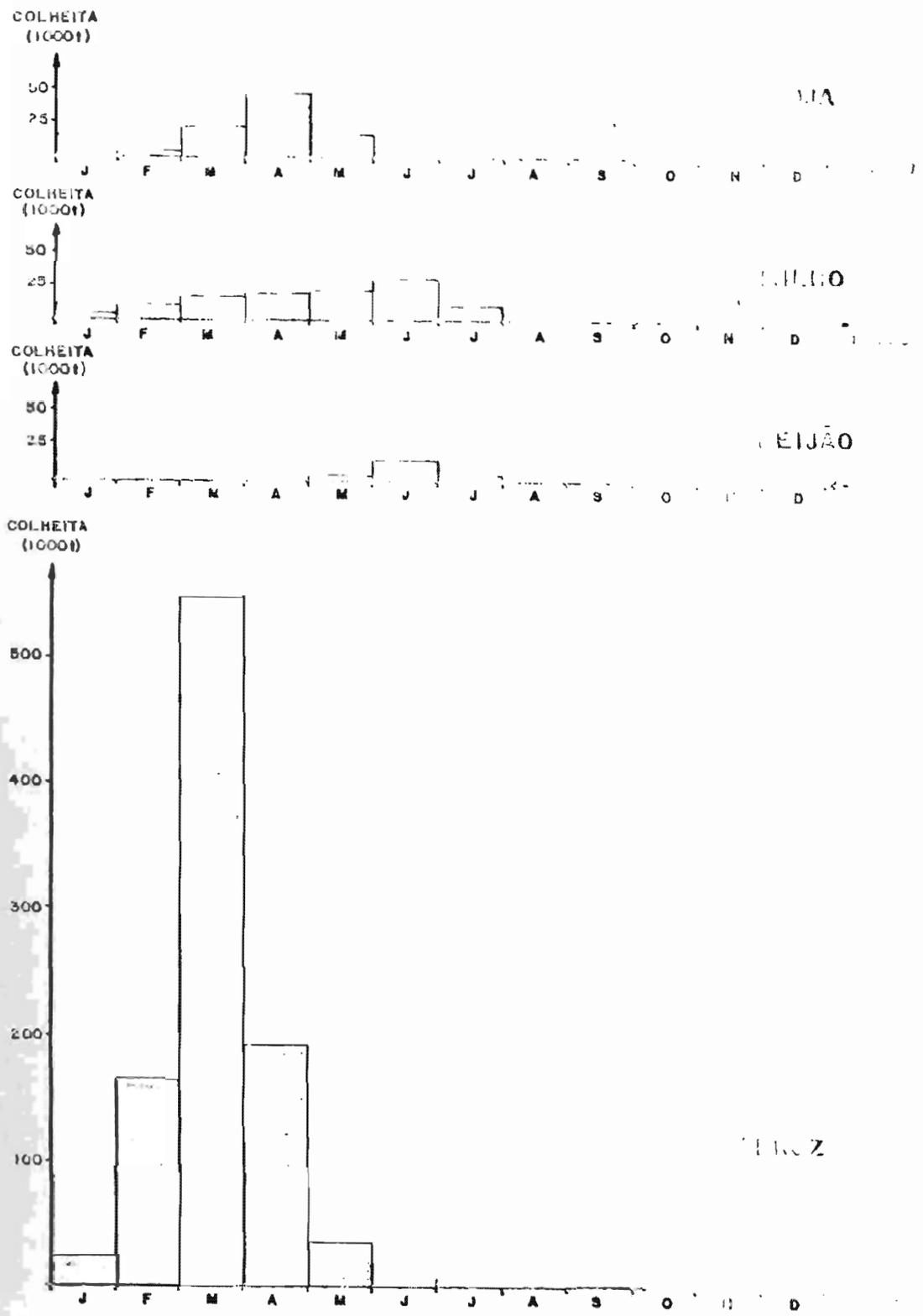


Figura B. Calendário de Colheita em Mato Grosso, 1980.
 Fonte: IBGE (8).

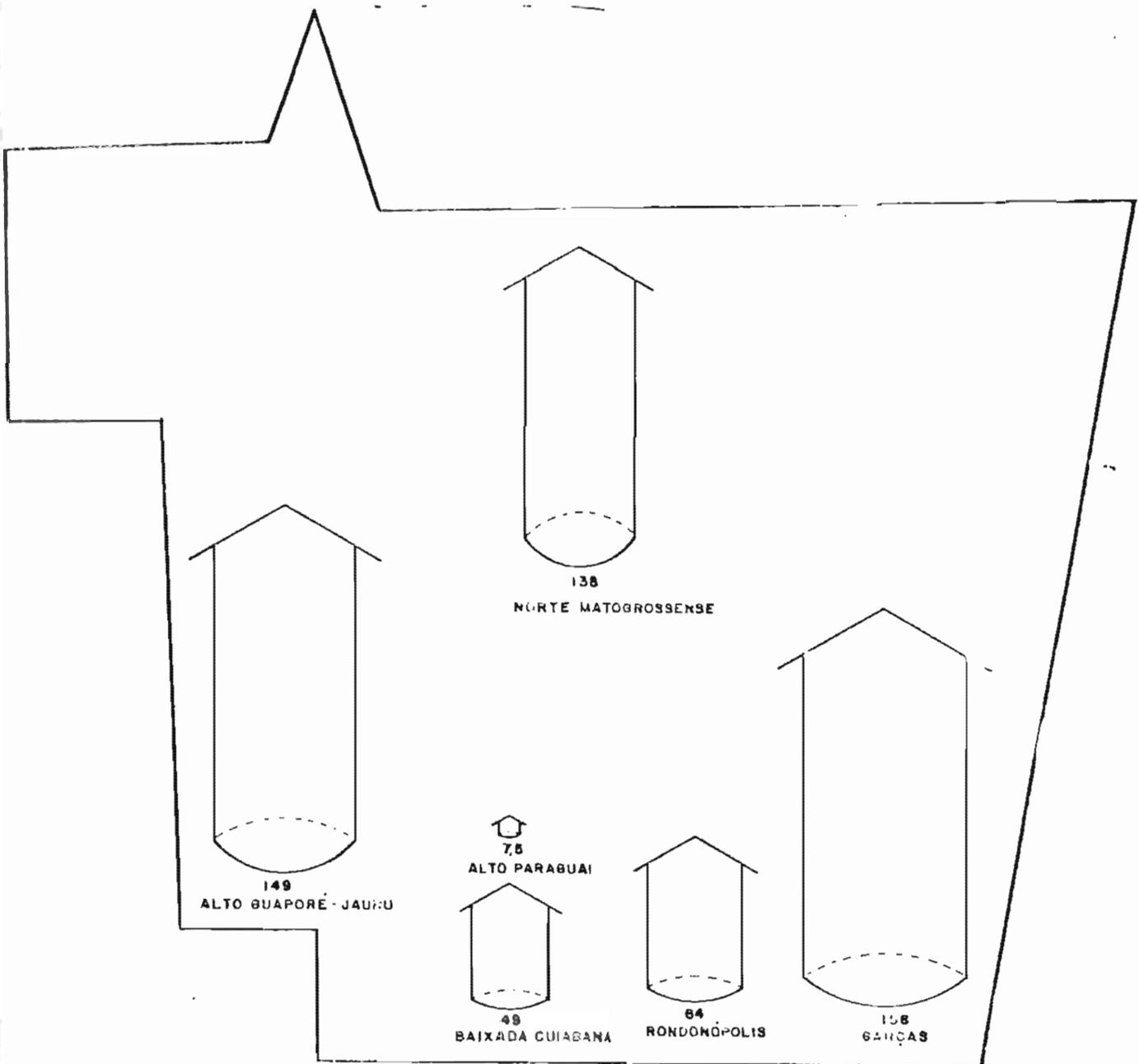


Figura 9. Déficit de Armazém em Mato Grosso em 1983, por Microregião (os números indicados re apresentam o déficit em 1000 t).

ESTADO DE MATO GROSSO - RODOVIAS FEDERAIS

LEGENDA

-  PAVIMENTADA
-  EM PAVIMENTAÇÃO
-  IMPLANTADA
-  PLANEJADA

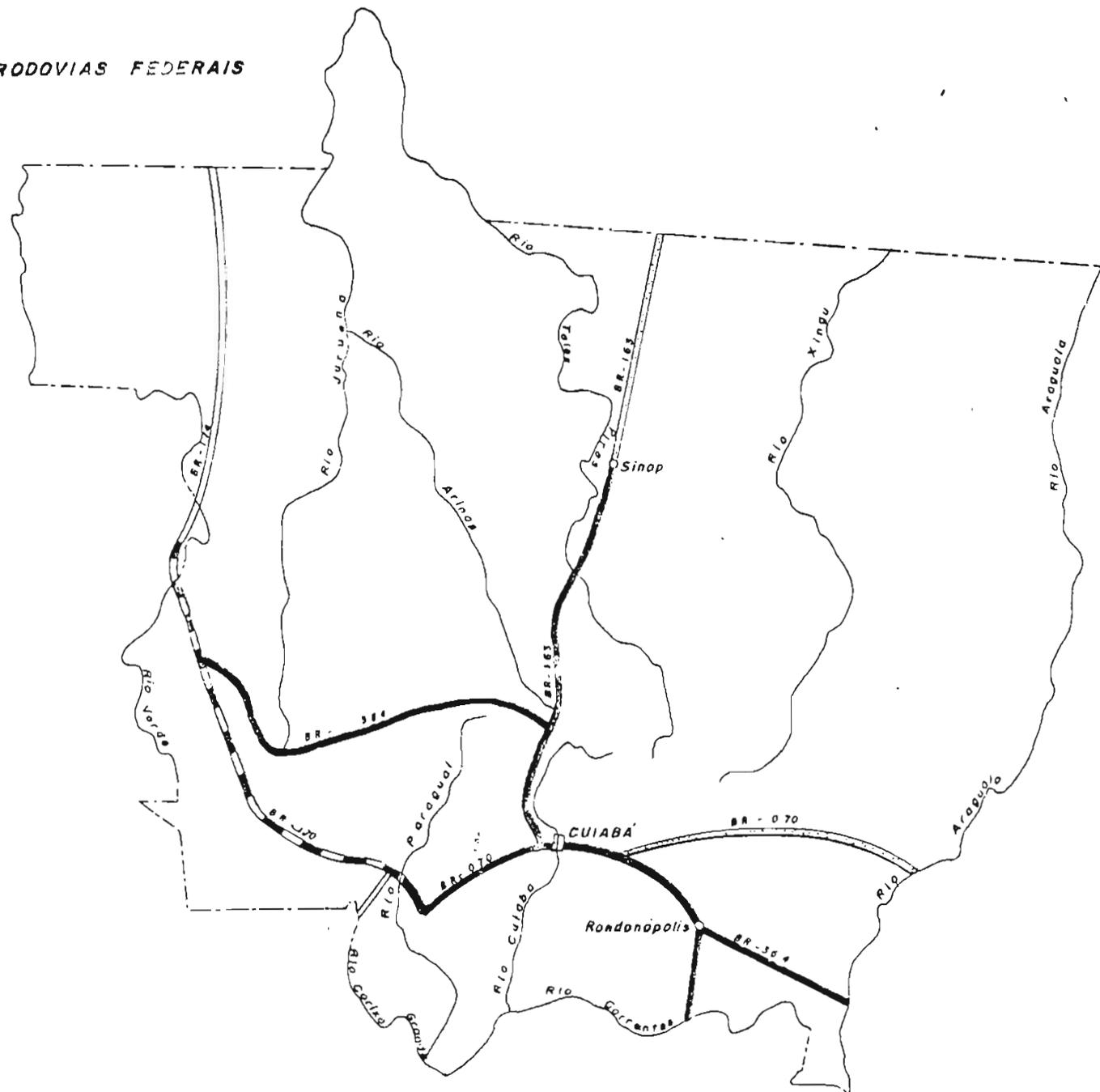


Figura - 10

BIBLIOGRAFIA

- 01 - CAMPOS, J. C. A Política de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso. In: Anais da Conferência na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1985. Gabinete de Planejamento e Coordenação do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, fevereiro 1985.
- 02 - COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE MATO GROSSO. Não publicado.
- 03 - COMISSÃO FUNDIÁRIA DE MATO GROSSO. Diagnóstico Geral da Situação Fundiária do Estado, 1979. 110 p.
- 04 - COMPANHIA BRASILEIRA DE ARMAZENAMENTO. Posição Cadastral das Unidades Armazenadoras em Operação em Mato Grosso em 31/12/1983. Brasília, Distrito Federal, abril 1984.
- 05 - DEMBERCK, V. Estrutura de Custo e Eficiência Técnica de Estocagem de Grãos no Estado de Mato Grosso. Fundação de Pesquisa Cândido Rondon. Cuiabá, MT, 1981. 11 p.
- 06 - EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. Plano de Ação Regional, Mato Grosso, 1983.
- 07 - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro. Volume 42. 1981. 798 p.
- 08 - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário, IX Recenseamento Geral do Brasil. Mato Grosso, volume 2, número 24, 1980. 403p.
- 09 - MARINO JR. J. O histórico da armazenagem no Brasil. Anais do I Seminário Latino Americano de Perdas Pós-Colheita de Grãos. CENTREINAR, Viçosa, MG. 1 - 10. 1982.
- 10 - PARO, H. Encontro Técnico sobre a cultura de soja, 1981. (mimeografado).
- 11 - QUEIROZ, E. A. A ocupação territorial e o desenvolvimento agrícola de Mato Grosso: "O progresso histórico". In: Agricultura, estudos e debates, vol. 1. Coordenadoria dos Núcleos Setoriais de Planejamento. Março/Abril, 1982. p. 6 - 92.